

[www.oxisdaquestao.com.br](http://www.oxisdaquestao.com.br)

# Aluguel de médicos cubanos é solução política em ano eleitoral

**RICARDO PERUCHI**

O assunto da importação dos médicos cubanos continua a ocupar o noticiário e as colunas de opinião, mas segue sendo discutido de forma política e não técnica. A imprensa simplifica a significação dos fatos e a polarização PT x PSDB, que se instituiu no Brasil atual, torna enviesada e parcial quase toda abordagem sobre o tema. Como não faço parte de nenhum dos blocos, me sinto no direito de emitir análise. Na verdade, muito mais uma provocação.

A ponderação central aqui é que se colocou tudo no mesmo cesto, indevidamente. O tema abriga não uma questão, mas duas bem distintas. Explico e separo. **Questão 1:** a contratação de médicos estrangeiros pelo Governo brasileiro. **Questão 2:** a contratação de médicos cubanos pelo Governo brasileiro. A primeira é complexa. A segunda é bastante simples e chega a ser ridícula.

## **Questão 1**

Quanto a contratar ou não médicos estrangeiros, analise-se o que motiva a iniciativa, ou seja, suas razões. E que as perguntas, ao serem respondidas, levem à conclusão. Ei-las:

- a) Há falta de médicos no Brasil? Há mais especialistas que generalistas?***
- b) Os médicos brasileiros são competentes e bem formados?***
- c) Os postos emergenciais no interior do país estão tendo dificuldades para serem preenchidos? Por quê?***
- d) O Governo não quer, não pode ou não deve pagar os salários que atrairiam jovens médicos a se candidatarem para postos em locais de "baixa atratividade"?***

***e) Um país deve importar mão-de-obra estrangeira mais barata e de alta qualificação quando se instauram situações de oferta e procura como esta?***

Cada um conclua como quiser.

Apenas um dado importante antes: a Organização Mundial da Saúde estabelece como mínima recomendada a proporção mínima de 1 (um) médico para cada 1 (um) mil habitantes. No Brasil, a proporção de médicos por mil habitantes é de 1,8. Embora inferior a outros países, em termos absolutos, o número de médicos no país atende aos requisitos da OMS. O problema de fato é a concentração desses profissionais nas grandes cidades e completa ausência em outras regiões.

As vagas em concursos não estão sendo preenchidas não apenas porque os salários pagos são considerados pouco atrativos até mesmo pelos recém-formados, mas também porque falta até esparadrapo nos centros de saúde espalhados pelo território nacional. Não há condições nem para os exames mais simples. Não existe infraestrutura básica em muitos locais. Que realidade os médicos estrangeiros encontrarão nos rincões do Brasil? Seriam milagreiros?

Desconfio seriamente que, quando me dizem que o problema da saúde no Brasil é falta de disponibilidade de médicos, estou sendo enganado. Estamos!

Algumas ponderações antes de avançar. Se faltam médicos no Brasil para ocupar os postos oferecidos, imagino que temos aí a velha questão da oferta e da procura. Então, no mínimo, em paralelo à importação de profissionais, deveria ser instaurado um programa de ampliação da formação e do acesso ao ensino superior na área de saúde, com novos cursos de medicina da família de bom nível oferecidos por faculdades públicas e privadas. Ou mesmo, num caso extremo, um programa consistente de custeio e incentivo para que jovens aspirantes à medicina possam estudar em outros países do Mercosul ou onde for. Ocorre?

Será mero acaso que a concentração de médicos no país coincida com a concentração da oferta de vagas em faculdades públicas ou privadas nessa carreira?

Outro ponto. Há vários modelos de medicina preventiva. No passado, de tempos em tempos, foram feitos mutirões ou missões de equipes médicas itinerantes que iam de localidade em localidade, realizando um importante trabalho. Com os mutirões, eram instaladas estruturas locais permanentes para dar continuidade ao trabalho, atendendo a emergências e fortalecendo um programa de saúde que atuasse na prevenção, nas emergências e nos tratamentos.

Diante de como o Governo Federal decidiu resolver o problema, receio que o termo mais apropriado deveria ser “aluguel de médicos”. Importamos temporariamente médicos, sem oferecer condições ou perspectivas de permanência a esses profissionais. E depois?

Para não esquecer: saneamento básico, incluindo a questão da água potável, é um tema central na saúde pública. Onde estão os

investimentos nessa área que não dá votos? Ou vamos ignorar os fatores primários de causas de doenças e epidemias e deslocar todo o debate para os profissionais?

### **A mesma questão em outros países**

Os Estados Unidos enfrentam problema grave de falta de médicos. Lá, a questão está sendo tratada de modo diverso, na perspectiva da grande reforma da saúde e ampliação do acesso a ela, uma das pautas centrais do Governo Obama.

Mais faculdades de medicina estão sendo abertas, as instaladas estão ampliando o número de vagas, com incentivo claro para que os novos estudantes sejam generalistas. Os médicos estrangeiros são bem-vindos desde que cursem a residência médica no país e já ocupam cerca de 13% dessas vagas.

O Canadá também enfrenta carência no número desses profissionais, sobretudo na questão da distribuição territorial. Quais as medidas? Melhores salários para os postos preteridos, bônus para quem abraçar a medicina de família e auxílios para custear mudança e a instalação, além de outros incentivos.

Alguns países exigem que, para a obtenção do diploma, os estudantes de medicina façam residência em regiões onde há carência de profissionais. Na República Dominicana, por exemplo, após formados, os médicos devem atuar por um ano em áreas desassistidas para só assim obterem sua licença.

O programa Mais Médicos lançado pelo Governo Federal estabelece que, a partir de 2015, a formação em Medicina passará de seis para oito anos e que o estudante, seja da rede pública ou privada, deverá permanecer dois anos em postos de trabalho do Sistema Único de Saúde (SUS). Serviço civil compulsório e mão de obra barata são a solução?

Falta de generalistas não significa que todos devam se converter em generalistas. Não sabe o Ministério da Saúde que o Brasil também é deficiente em várias especialidades médicas? No novo cenário, um especialista levará até 13 anos para estar formado.

### **Questão 2**

Agora vamos à segunda questão. Independente de você ser a favor ou contra a contratação de médicos estrangeiros, a decisão foi tomada pela Presidência. Uma vez que o Governo decidiu contratá-los, me parece bastante questionável que esse trâmite deva ser realizado da maneira como se deu.

Tome o caso de uma Orquestra. Quando se quer elevar o nível de uma formação Sinfônica ou Filarmônica, instaura-se um concurso internacional e fomenta-se a participação de músicos de diversas

localidades. É possível realizar fases em embaixadas e consulados brasileiros em caráter de pré-seleção e prestar auxílio aos finalistas para que venham prestar as provas finais na sede da Orquestra. Certo? O que impede? No caso dos artistas, os contratos são temporários e podem ser renovados até culminar na efetivação e permanência, após uma probatória fase de adaptação, o que me parece justo.

O modelo norte-americano de construção de superpotência foi o de atrair os grandes cérebros do mundo todo, a partir das universidades e organismos de pesquisa, bem como a partir das grandes indústrias, como a farmacêutica e a do entretenimento. É uma decisão estratégica, o que não me parece ser a em discussão. Ao contrário, é medida provisória, nos dois sentidos da expressão.

### **Em Cuba, medicina também é negócio**

A exportação de profissionais qualificados é o carro-chefe da economia cubana. Somente a cessão de médicos, para mais de 60 países, rende US\$5 bilhões ao ano e tem grande impacto nas finanças da ilha. Tenho o maior respeito pelos cubanos, como povo, cultura, tradições e por sua medicina, considerada de excelência em várias frentes. Mas esta não é a questão.

Celebrar um convênio com um país, por alinhamento via esquerda internacional, pagar parte dos proventos ao seu governo, no caso Cuba, e outra parte aos profissionais "emprestados" me parece, no mínimo, um absurdo. Verdade que dos cerca de dez mil médicos do programa governamental nem todos são cubanos. Mas estes correspondem a 75% do total, sua grande maioria. O convênio foi celebrado por intermédio da Organização Panamericana da Saúde.

Os argumentos a favor são frágeis. Um dos mais citados é a questão da língua. Os cubanos falam espanhol, mais próximo do português... Ora, o espanhol é língua oficial em mais de 20 países e predominante em outros tantos e há outros sete países de Língua Portuguesa. Não há médicos em outra parte?

Por que não a ideia de um concurso internacional, com provas de várias naturezas, que selecionasse os melhores médicos mundo afora interessados nas oportunidades? O princípio da isonomia, ou da igualdade, não é a base da democracia?

Outro argumento citado em favor de Cuba é a natureza generalista de seus médicos, enquanto muitos países formam especialistas. A medicina preventiva é parte da solução do problema da saúde. Os especialistas continuam a ser fundamentais. Não é privilégio de Cuba a formação de generalistas. Muitos outros países possuem formação na área médica da mesma natureza.

Mas por que os cubanos? A razão é simples. Trata-se de decisão política e não técnica. É por isso, por exemplo, que a saúde pública brasileira é ainda um caos. O Ministério da Saúde deveria ser um órgão técnico e não político. Mesmo as políticas públicas para setores como a saúde

deveriam nascer de bases técnicas e não de critérios políticos ou de motivações eleitorais.

Às vésperas de lançar o ex-ministro Padilha para o Governo do Estado de São Paulo, o Partido dos Trabalhadores tira da cartola um programa para “salvar” a área de saúde. Isso me lembra situação semelhante, quando a Educação virou o tema central da agenda pública, culminando na eleição do prefeito de São Paulo, Fernando Haddad, justamente o ex-ministro da pasta.

Será que a população brasileira concorda em ajudar a financiar o regime cubano?

Vale a informação de que, em Cuba, um médico recebe 40 vezes menos do que receberá no Brasil, segundo depoimentos de profissionais veiculados na imprensa. O problema é que os cubanos, de acordo com essas informações, receberão apenas US\$400 agora e teriam outros US\$600 depositados em uma conta na ilha à qual só terão acesso após seu regresso. Ou seja, seriam mil dólares ao mês, enquanto o Governo cubano receberá US\$3 mil para cada profissional contratado por mês. Em qualquer contrato, de qualquer natureza, uma comissão de mais de 300% me pareceria exorbitante. Outros médicos estrangeiros filiados ao programa receberão salários de R\$10 mil. Por que isso? Para mim, ao menos, essa conta não fecha. Evidente que começaram a surgir processos trabalhistas dos cubanos, embora alguns sejam financiados por partidos de oposição.

Começaram também os casos de pedidos de asilo político e de médicos que não se apresentaram para trabalhar e rumaram para os Estados Unidos.

Dirigentes de associações médicas da Venezuela e da Bolívia, onde também se instauraram convênios com o governo cubano, vieram recentemente ao Brasil, a convite do Conselho Federal de Medicina, para falar sobre o tema. Advinha? Não só criticaram os programas em seus países, classificando-os como um fracasso, como apontaram uma série de irregularidades.

### **Poderes débeis**

Para que servem o Congresso e o Judiciário se são incapazes de ingerir em situações como estas? Presidencialismo tem limites ou deveria ter. Pouco me interessa a legenda dos Governos que estão aí. O que me interessa é a capacidade dos cidadãos, da sociedade civil organizada, dos poderes e da imprensa de tratar seriamente as questões fundamentais de desenvolvimento humano e econômico.

É aviltante que tanta gente queira polarizar todos os debates cruciais com base partidária ou ideológica mequetrefe. Sabe o que acontece? Discutem-se partidos, posições, trincheiras e não soluções. A suposta “mídia independente”, que em realidade é muito bem financiada, tem muita culpa no cartório, assim como a grande mídia corrompida por verbas oficiais de ambos os lados de um muro que não existe mais. E,

para completar, ainda há a avalanche da propaganda oficial mentirosa e eleitoreira.

Nessa infantilidade política em que dois lados idênticos ideologicamente se digladiam pelo poder, falta quem pense o Brasil e se importe de fato com os brasileiros. Falta quem pense em cada questão e não coloque tudo no jacá do "a favor" ou "do contra". Gostaria de ver um projeto realmente sério para a questão da saúde pública brasileira, mas não foi desta vez. Tanta obtusidade faz mal. Que remédio? Lamentável!

*(Texto postado a 18-02-2014)*